

MICHAEL PAUL GALLAGHER, S.J.

*Livres para
acreditar*
Dez passos para a Fé



EDITORIAL A.O.

Título original:

Free to Believe - Ten Steps to Faith

Darton, Longman and Todd, Lda - London

Copyright © 1987 and 1996 Michael Paul Gallagher

ISBN 0-232-52164-6

Autor:

Michael Paul Gallagher

Tradução:

Luís Ferreira do Amaral, sj

Imagem da capa:

Marc Chagall, *The Blue Violinist*

Grafismo:

Atelier Mam Design

Impressão e acabamentos:

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

ISBN: 978-972-39-0914-2

Depósito Legal: 480755/21

2.ª edição (1.ª na Editorial AO)

Março de 2021

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 | 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Índice

Apresentação | 7

Prefácio à Edição Portuguesa | 11

Introdução – Histórias sobre Estar Pronto | 17

Uma História Pessoal como Prólogo | 27

Parte I – Histórias de Libertação | 31

Passo 1 – A Primeira Liberdade: do Eu Falso ao Eu Verdadeiro | 33

Passo 2 – Perceber como Funciona o Sistema | 51

Passo 3 – Libertar-se da Questão Errada | 71

Passo 4 – Libertar-se de Deuses Estranhos | 85

Parte II – Histórias de Busca | 99

Passo 5 – Os Desejos do Coração | 101

Passo 6 – A Mente que se Espanta e se Questiona | 107

Passo 7 – Apelos da Consciência | 117

Passo 8 – A Experiência do Espírito | 125

Parte III – Histórias de Amor | 135

Passo 9 – O Encontro com Cristo | 137

Passo 10 – Esvaziamento de si | 153

Epílogo | 167

Rápida Revisão dos Dez Passos | 171

Principais Autores Citados | 173

Apresentação

Luís Ferreira do Amaral, sj

Fará ainda sentido falar de cristianismo nos nossos tempos? Eis uma pergunta que talvez possa parecer quase provocatória. Mas a verdade é que, para algumas pessoas no nosso mundo de hoje, talvez uma questão deste tipo não seja afinal totalmente estranha. De facto, o contexto e o nosso estilo de vida hoje parecem ser tão diferentes e tão distantes dos tempos em que o cristianismo surgiu, que algumas pessoas podem sentir ser difícil perceber o sentido que esta ‘via’ possa ter (para usar um dos nomes iniciais do cristianismo). Ou pelo menos identificar a sua relevância real para as suas vidas concretas.

Mas não é só para nós, nem é apenas nos dias de hoje, que a proposta cristã poderá parecer inicialmente com uma linguagem algo estranha e com um tipo de lógica por vezes difícil de entender. Talvez não tenha sido assim tão diferente nos séculos precedentes (ou até mesmo logo nos inícios, nos tempos de Jesus). E, apesar de tudo isto, sabemos como a mensagem do cristianismo acabou afinal por atravessar os vários séculos e a difundir-se pelas mais diversas culturas.

Se é verdade que os tempos de hoje são bem diferentes dos de outrora, por outro lado talvez as questões mais fundamentais do ser humano não se tenham alterado significativamente. De resto, no mundo de hoje, alegadamente tão mais ‘desenvolvido’, poderíamos também questionarmo-nos sobre o porquê de tanta gente à nossa volta parecer andar desorientada, sem conseguir encontrar um sentido para a vida. De haver pessoas que parecem desenvolver tão poucas dimensões da sua humanidade e que ex-

perimentam dentro de si um grande vazio. De haver tantos seres humanos que não dispõem, ainda hoje, de condições mínimas para viver, no terceiro ou no primeiro mundo. Sinal talvez que, em termos de ‘desenvolvimento’, a humanidade terá ainda um bom caminho a percorrer. Mas por onde? Em que direcção?

Hoje, tal como no passado, um número não negligenciável de contemporâneos nossos afirma ter encontrado na revelação cristã a resposta às questões mais essenciais da vida, de uma forma algo surpreendente e que ultrapassa todas as suas medidas. Afirma ter encontrado na vivência do cristianismo um meio de se ‘libertar’ daquilo que oprime ou sufoca o nosso ser, e de recentrar a vida na direcção do que a pode polarizar e lhe pode dar um sentido. Porém, como dizíamos, a entrada nos mistérios e na caminhada proposta pelo cristianismo é que pode não se revelar fácil ou imediata. Mesmo para pessoas nascidas ou educadas num ambiente cultural dito ‘católico’.

É aqui que um livro como este pode revelar-se útil, ajudando a percorrer esse caminho de preparação prévia, e trabalhando sobretudo a chamada ‘zona de disposição’. O seu Autor, Michael Paul Gallagher, padre jesuíta nascido na Irlanda, é uma pessoa especialmente bem colocada para nos guiar – não só pelos estudos e experiência que tem em teologia, mas também pelos seus conhecimentos em literatura contemporânea, expressão concreta do modo de vida de toda uma sociedade. Para além disso, pela sua experiência em lidar com gerações mais novas, parece estar acostumado às novas linguagens e ao constante levantar de novos tipos de questionamentos.

Este livro, talvez como qualquer outro, irá convidar o leitor a fazer um percurso. A proposta aqui será concretizada sob a forma de dez passos, passos esses que parecem estar agrupadas de acordo com as clássicas ‘vias purgativa, iluminativa e unitiva’. É todo um percurso que não poderá certamente ser imediato, e nem feito de uma vez por todas, como o próprio Autor chama a atenção. Será antes uma transformação lenta e gradual, e que nos fará retornar, por mais do que uma vez, a lugares aparentemente já conhecidos.

Mas para isso é também necessário uma atitude interior de receptividade e abertura. Por forma a que possamos “estar pron-

tos”, para usar a expressão de Shakespeare citada mais adiante. A este respeito, o título original inglês, tal como um pouco a sua tradução em português, contém uma ambiguidade com alguma riqueza de significado. De facto, na expressão *Free to Believe* podemos ler tanto algo do tipo ‘tornar-se livre para poder acreditar’... como também algo como ‘ser-se livre de acreditar (ou não)’. Ao percorrermos este caminho, portanto – como de resto ao decidir seguir por qualquer outro –, a nossa liberdade pessoal está também envolvida, e a ela será pedida uma resposta.

É quase um lugar comum dizer que na nossa vida devemos muito às outras pessoas. Mas nem por isso deixa de ser bem verdade. Em algumas pessoas concretas esta verdade parece tornar-se mais patente. É para mim, pessoalmente, o caso do Michael Paul, que foi em Roma meu companheiro de comunidade, meu professor, meu director espiritual e meu amigo. Foi em conjunto com ele que preguei a minha primeira homilia depois da minha ordenação diaconal em Roma, em Abril de 2004. É agora um privilégio para mim poder traduzir um dos seus livros. E, como ele próprio diz, ambos ficaremos bastante contentes se este livro puder ajudar alguém hoje a descobrir ou aprofundar um pouco mais a sua caminhada cristã.

República Centro-Africana, Março de 2011

Prefácio à Edição Portuguesa

Michael Paul Gallagher, sj

É um verdadeiro prazer escrever este breve prefácio para a tradução portuguesa de *Free to Believe*. Este foi o meu segundo livro, publicado pela primeira vez há mais de vinte anos, tendo eu nestes últimos anos publicado outros sete livros. Mas confesso que este continua a ser o meu livro preferido, em parte porque passou por um processo de escrita longo e doloroso. Dado que eu, na altura, era um autor relativamente novo, a casa editora de Londres apresentou-me uma senhora rigorosa, mas sábia como editora, que me fez reescrever quase todas as secções. Em particular fez-me algumas perguntas que me provocaram: Qual era o ponto central? Para quem é que eu estava mesmo a escrever? Este livro pretendia ser filosófico ou espiritual? Ela incentivou-me a fazer os possíveis para que as grandes questões se tornassem vivas para leitores não académicos.

Espero que o leitor desta tradução possa encontrar o ponto central sem grande dificuldade. Está implícito no próprio título. O meu interesse pela questão da liberdade interior nasceu da experiência de mais de quinze anos como professor – e jesuíta – numa universidade estatal da Irlanda. Era professor de literatura inglesa moderna, mas por causa da minha vocação religiosa e sacerdotal, dei por mim a ser levado muitas vezes para uma relação mais do tipo pastoral com os estudantes. Tentei dar o meu melhor como professor e desfrutei muito do desafio de ir para além da crítica literária profissional, por forma a que as riquezas da poesia, do teatro e da ficção fizessem sentido para os meus estudantes. Estive ligado a grupos de teatro e organizei múltiplos debates para os tempos do almoço, procurando fazer a ligação entre a literatura e a vida. A pouco e pouco, fui descobrindo que havia uma revolução

religiosa em silêncio que se estava a instalar naquilo que parecia uma Irlanda tradicionalmente católica (e isto foi décadas antes das crises mais recentes dos escândalos eclesíásticos e económicos). Muitos daqueles que estavam a estudar literatura nutriam uma secreta paixão pela escrita e, para eles, havia um tema dominante que parecia pôr em causa as seguranças herdadas, incluindo a segurança da fé religiosa.

As nossas muitas conversas sobre literatura levaram-nos a explorar algumas dimensões mais espirituais. Talvez por eu ser padre e, na perspectiva deles, um padre pouco habitual devido à minha ligação com a literatura, fui descobrindo a pouco e pouco uma nova linguagem para explorar a dimensão religiosa. Era um pouco doloroso pela frustração, em termos de vida regular de Igreja, mas ao mesmo tempo procurava que a porta para cumprimentos de onda mais profundos se mantivesse aberta. Foi a partir destas centenas de horas de conversas com pessoas e com pequenos grupos que cheguei a uma conclusão que agora me parece tão óbvia e tão simples. A crise da fé não era uma questão de doutrina mas de disposição. Não era tanto uma questão de verdade quanto de liberdade espiritual, e em particular da liberdade para acolher ou para imaginar uma palavra de amor vinda de Deus.

Uma das parábolas de Jesus concretiza de modo eloquente aquilo que quero dizer. Jesus descreve as crianças sentadas no mercado (o contexto é o mesmo da famosa história de Nietzsche sobre o homem louco e a morte de Deus). Estas crianças permanecem indiferentes ao convite que outras crianças lhes fazem para responderem a vários tipos de música. ‘Tocámos flauta para vocês, e vocês não dançaram! Entoámos lamentações e vocês não choraram!’ (Lc 7,32). Parece que nem a alegria nem a tristeza as conseguem tocar. Como despertar então uma disposição semidrogada? Como recuperar uma nova liberdade de imaginação para que se possa responder? Como tocar nos corações das pessoas?

Este livro propõe um caminho de libertação deste adormecimento ou apatia em três partes: primeiro uma luta pela liberdade interior a vários níveis, pessoal, cultural e religioso; depois, uma série de ‘histórias de busca’, nas quais os nossos desejos são despertados para diferentes apelos, e, finalmente, a possibilidade da

fé como uma história de amor. Anos depois de este livro ter sido escrito, foi consolador e uma confirmação para mim encontrar, na sua primeira encíclica, o Papa Bento XVI a falar mais de uma vez sobre uma “história de amor entre Deus e a humanidade” (*Deus Caritas Est*, 17). Ajudar as pessoas a conseguirem tornar-se livres para essa surpresa é a esperança deste livro.

É certo que quando um livro como este é traduzido mais de duas décadas depois da primeira publicação pode haver algumas páginas que parecem estar desactualizadas. No entanto, ao relê-lo recentemente, fiquei contente por ver que esse perigo não estava tão presente como eu receava. Por exemplo, no capítulo sobre questões sociais e culturais, “Perceber como Funciona o Sistema”, peguei na publicidade como um exemplo de como a nossa imaginação pode ser dominada pela superficialidade. Hoje teríamos de incluir também todo um mundo da internet e das novas tecnologias da informação. A verdade é que não sabemos ainda até que ponto tudo isto está a transformar a nossa consciência e, em particular, a mentalidade das gerações mais novas. Os leitores poderão facilmente actualizar tais exemplos para si próprios. A questão básica permanece a mesma: hoje, inevitavelmente, também vivemos uma batalha pela nossa liberdade espiritual, e temos de identificar esse campo de batalha para que, tal como João Baptista, nos possamos preparar para o evangelho.

Quero exprimir a minha profunda gratidão ao meu amigo Luís Ferreira do Amaral pelo seu trabalho de tradução. Fomos membros da mesma comunidade jesuíta em Roma quando ele estava a estudar teologia, antes da sua ordenação, e foi nessa altura que ele leu alguns destes capítulos. A ideia de traduzir este livro para português foi dele. Foi um compromisso muito generoso e exigente da parte dele, mas tanto ele como eu ficaremos muito contentes se estas páginas puderem ajudar as pessoas a reflectir sobre a descoberta da fé cristã no mundo complexo de hoje.

Roma, 1 de Janeiro de 2011